

PAPO DE GALO

Número 4

26/junho/2020

Tiragem apoiadores: 0002

REMINISCÊNCIAS DE SÃO JOÃO

Foto: Marcos Guerreiro

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo _ revista** é escrita por **Gabriel Galo**. Nesta terceira e trabalhosa edição, ele também diagrama, pesquisa, revisa, administra e o que mais precisar. Nesta edição, algumas fotos foram gentilmente cedidas pelo amigo fotógrafo **Marcos Guerreiro**, continuando a ideia de dar espaço a mais gente nessas páginas. Mas deixa parar eu me referir a mim mesmo na terceira pessoa, porque isso é estranho demais.

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado em Administração pela FEA/USP, empresário semi-falido e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Lancei, em outubro de 2018, o livro “**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Sou colunista do Correio da Bahia, do programa Futebol S/A da Rádio Sociedade da Bahia, do Arena Rubro-Negra. E tô aí correndo atrás de novidades pra quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E, por Deus, como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê – o que importa, estou seguro, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você, estendendo a mão: vamos juntos?

Caso queira apoiar meu trabalho, a campanha no **Apoia.se** e no **Catarse** estão no ar.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

instagram.com/souogalo

Email: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço!



**Para Luiz Gonzaga e
todos os sertanejos de
um Nordeste que resiste.**

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0002

APOIA.se

São Paulo, 26 de junho de 2020

REDES SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@gpgalo



gabriel@papodegalo.com.br



NAVEGUE _

_ EDITORIAL

6, Viva São João!

_ CAUSOS

10, O São João e o Nordeste

14, Porra Pernambuco

17, Olha pro céu

18, Doutor, tem um problema aqui

21, Pregação de São João

25, Conto aos 7 anos de um vivido

36, Milho! Amendoim!

_ CORDEL

43, O boi junino

_ AS FOTA

47, Marcos Guerreiro

_ EDITORIAL

Viva São João!

Se você ainda não notou, a Papo de Galo_ revista segue uma sequência de tópicos e perfis de textos. Uma revista de tema mais denso, como foram a primeira e a terceira são necessariamente intercaladas com outras edições de temas mais leves, como o amor da segunda edição e agora o São João nesta quarta. Se as primeiras têm interação com nomes importantes do cenário de discussão e se propõem a ampliar debates e ampliar conhecimento, estas últimas se entregam à literatura, ao lúdico, à fantasia.

Nas páginas desta revista, darei vida a um São João que não é de agora, mas o de antigamente, que reverbera a alma do sertão nordestino e que é foco de resistência de cultura.

É importante fazer uma ressalva que conecta com a edição da semana passada sobre a formação do povo brasileiro. Nela, ficou muito evidente que cultura não é algo estático, é mutante, absorvendo novas características com o tempo e desenvolvendo novos meios de ser no mundo. Ao mesmo tempo, no entanto, houve recorrentemente a exibição da atuação de um processo colonizador de esquecimento de povos e suas culturas, impondo um jeito único às minorias que, ameaçadas, ou se adequam ou simplesmente desaparecem (eu sei que você pescou a referência).

Daí que a confluência de culturas é positiva quando se chocam em igualdade de condições. Quando há sobreposição ou imposição de um sobre o outro, para que não elimine as raízes de uma gente que está fadada historicamente ao esquecimento, há de se lutar para que o pequeno monte guarda na preservação que traça suas origens, para que, enfim, se modifique com consciência de onde veio. Origem não é questão de identidade, é questão de equidade.

Então, não cometa o crime de me chamar de conservador, que este conceito que se venda por aí não tem nada a ver com o que trago.



Também, não vou incorrer no risco de pintar um sertanejo típico, numa romantização que poderia andar lado a lado com o indianismo de José de Alencar, despedaçando as diferenças entre cada quais. Valei-me!

Atenho-me às histórias, crônicas, cordel e conto, este último narrado pelo olhar de criança em memória, aguçando os sentidos de uma época que está lá atrás onde eventualmente não existe mais, embora alguns rincões lutem bravamente pela ausência de contato, além de um cordel com a fantástica história do boi junino.

Não se trata, portanto, de resumir uma gente, ou uma tradição. É questão de contar histórias e instigar cheiros, cores, sons, sabores e toques, para que nos transportemos direto pra dentro da história, numa viagem no tempo que se conecta ao agora, na farta mesa posta, na música, nos causos.

Aliás, mesmo que desfigurado em sua origem, este São João de cidade grande, com grandes praças e bandas em shows de grande porte e turistas a mil, é a vitória do sertanejo, de uma gente que de esquecida impôs seus modos para serem incorporados pelos outros. Ultrapassa a resistência e galga um triunfo silencioso. Como dar as costas a tão vital beleza?

Parafraseando a fala de Nego Bispo em entrevista exclusiva na edição número 3 da Papo de Galo_ revista, atestando o tambor como escudo contra a Bíblia que acossa sua cultura: enquanto o Nordeste tiver o São João, não tem jeito que dê jeito.

Então se apronte, que vai começar.

VIVA SÃO JOÃO!



APOIE

VAMOS APOIAR VOZES INDEPENDENTES?

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a NEWSLETTER. Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE e no CATARSE. Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

APOIA.se



catarse

_ CAUSOS

10

O SÃO JOÃO E O NORDESTE

Foto: Marcos Guerreiro

Nunca será suficiente explicar a quem não é do Nordeste qual a importância do São João. Dentre as tantas razões para não ser possível explicar está justamente a metafísica da festa, a cosmologia envolvida, a representatividade. É muito mais do que coisa terrena e vai além, inclusive, da coisa divina. É maior, é universal, é simbólica.

É o que é, ora, essa, e não tente despedaçar o espetaculoso em nome de conceitos tão mundanos quanto explicações e convencimentos. Depois: se você carece de convencimento para entender do que se trata, esqueça, porque não há tempo no mundo que caiba os porquês de um São João.

NEM TODO O TEMPO DO MUNDO CONSEGUE ABARCAR A EXPERIÊNCIA DE UMA VIDA NÃO VIVIDA.

A **magia do São João** não está nas capitais. O sobrenatural do festejo junino se encontra na simplicidade das pessoas do sertão. Suas vidas são narradas com prazer, suas vestimentas são algo estereotipadas por quem invade vindo do centro do estado. Ali, no entanto, sobrevive a alma do sertanejo.

Mas, teimoso, rio na cara do impossível, sem medo do fracasso inevitável.

Arriscando um efeito comparativo: o São João está para o Nordeste assim como o Natal está à vida na cidade grande. Aquela expectativa, aquela antecipação, sabe?

Foto: Marcos Guerreiro



Só que aí, veja, este ideal importado de Natal tem efeito meramente econômico. Quem há de dizer que o Natal representa algo genuinamente brasileiro? Neve no verão? Ora, ora, conta outra, Coca-Cola. Mas, vá lá, a data tem significado amplo e potente. Mas, não, nem trisca nas significâncias severinas.

Outro ponto, então: o São João está para o Nordeste do interior assim como o Carnaval está para Salvador e Recife + Olinda.

Hum...

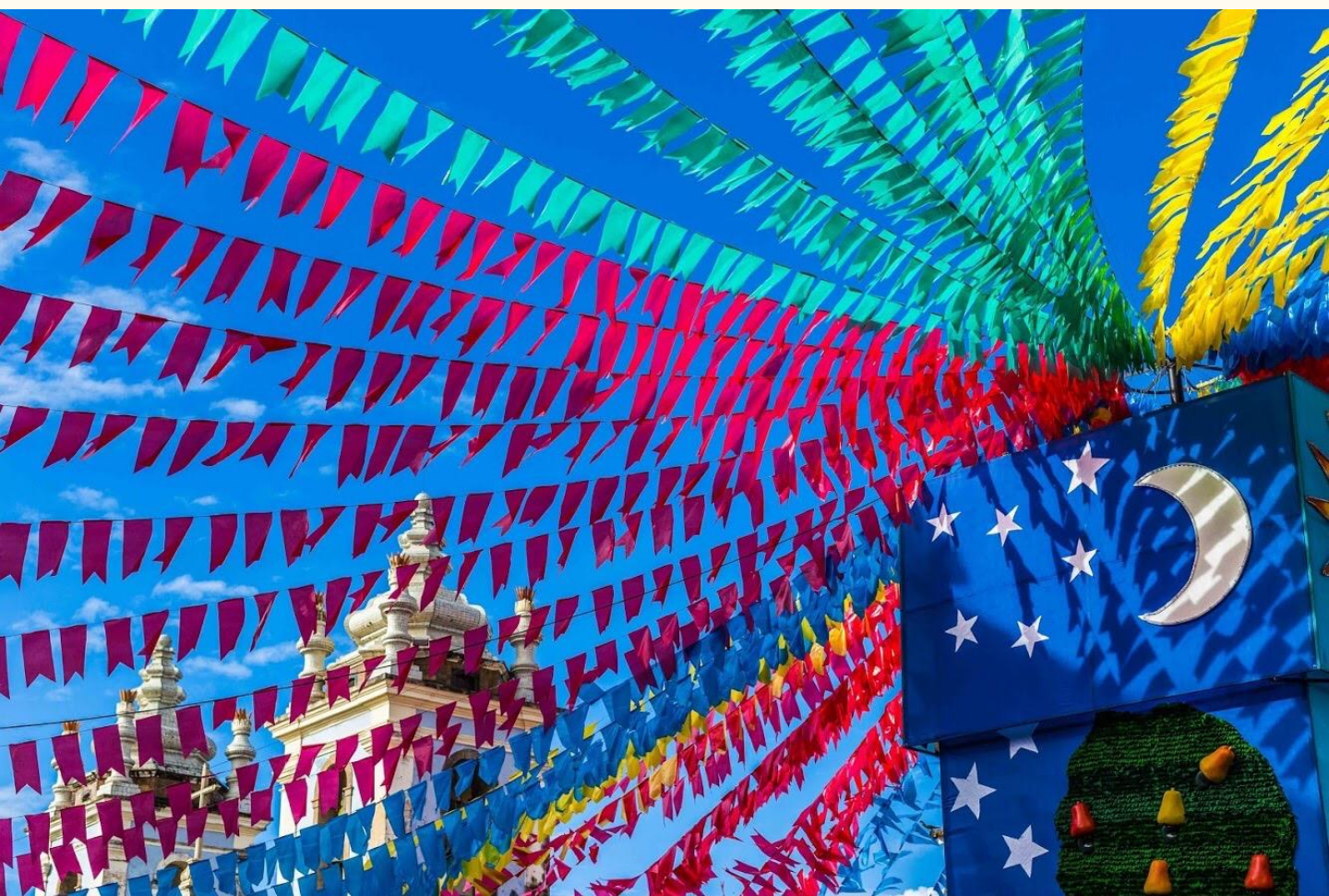
Estamos chegando perto. Porque o Carnaval acaba representando o sentimento de um povo, para além da festa financeira que enriquece os de sempre e joga o povo para a pipoca do desbaratino e da violência.

Mas tem um nhé que corrói o compreender. Talvez os Carnavais das duas capitais se equivalham ao São João de Caruaru e Campina Grande. Ainda falta, portanto, captar a alma do festejo do interior, aquele que mantém na simplicidade uma mensagem de resistência.

Sim, **resistência**. De música, de vocabulário, de vestuário, de religiosidade, de símbolos e ritos, de conexão com o elevado. Que faz de uma celebração que difere da tradição que se vê no aglomerado da capital sua marca.

O São João caminha lado a lado com festas de largo típicas dos rincões nordestinos, como a procissão de reis e o boi, que, a depender do local, pode coincidir com a folia dos 3 magos.

Foto: Marcos Guerreiro



Está nessa permanência a conceitos que não dobram a forças maiores a maior virtude de uma gente que faz da sobrevivência um ato sublime de bravura. Esquecidos, distantes, invisíveis, o povo do sertão sacoleja ao som do fole da sanfona em ritmo, estética, banquete, significações e símbolos próprios.

Some tudo.

Tem jeito de explicar? Tem não.

Retrocedo.

A ânsia da explicativa que nasceu para a derrota se julgou capaz de sobrepor a verdade inquestionável dos fatos. Tolo, eu. Porque a letra estava dada ali no começo:

SE VOCÊ CARECE DE CONVENCIMENTO PARA ENTENDER DO QUE SE TRATA, ESQUEÇA, PORQUE NÃO HÁ TEMPO NO MUNDO QUE CAIBA OS PORQUÊS DE UM SÃO JOÃO.

Só é possível raspar em sua grandiosidade, comprovada apenas empiricamente, na vivência de quem se entrega aos encantos do sertão nordestino, mesmo que pasteurizado aos modos da cidade grande.

Foto: Marcos Guerreiro



14



FORRA,
PERNAMBUCO!



E lá precisa dizer quem é?

Cresci no fim de uma **rivalidade** regional que perdeu força, mas se mantém no peito dos mais antigos: **Bahia x Pernambuco**. Aquele embate sem motivo que fazia Luciano Todo-Duro e Reginaldo Holyfield fazerem de ringue qualquer estúdio de entrevista ou via pública.

Nunca me desceu a rivalidade. Até porque, por onde olhasse, bairrista que sou, nem se tinha vez. Não tinha Alceu que desse conta de **Caetano, Gil, João Gilberto, Dorival** e outros. Letras? Tome **Jorge Amado**. Artes plásticas? E você acha que um estado que gesta **Romero Britto** merece crédito, criatura?

E antes de você com sua boca mole vir falar de **Ariano Suassuna**, apesar de sua ligação ao Pernambuco, ele veio ao mundo na Paraíba.

MAS, AÍ, NÉ?, PORRA, PERNAMBUCO.





Dominguinhos

O leque de abertura às coisas do mundo foi se ampliando e fui tendo mais contato com um certo **Luiz Gonzaga**.

E, minha gente, hei de abrir o coração. **Lula, Seu Lua** não era desse mundo, não.

Pois se em 11 meses do ano os outros disputam protagonismo, **junho é DELE**. Nem adianta contestar, espernear, fazer beicinho, que eu não posso fazer nada. É o que é. Em **junho**, perto do fenomenal contador de histórias do **Exu**, que dissertou sobre as coisas do sertão como nenhum outro, todo mundo é mininico. Todo mundo é coadjuvante. Todo mundo se ajoelha em reverência ao mestre.

E de lambuja ainda meteram um **Dominguinhos** no meio. Desisto.

PORRA, PERNAMBUCO!

De volta ao Exu, Luiz Gonzaga dança com a esposa, enquanto Januário, seu pai, comanda o famoso fole de 8 baixos e sua mãe, Santana, domina a zabumba.



Foto: Marcos Guerreiro

**Vê como ele
está lindo?**

**Olha pro céu,
meu amor**

18 DOUTOR, TEM UM PROBLEMA AQUI



Foto: Marcos Guerreiro

O jovem engenheiro chegou à Bahia nos anos 1970. De carreira meteórica, ostentando alta patente na multinacional apesar da pouca idade, tinha como desafio aumentar a produtividade da planta que assumia.

Planejador meticuloso, sentou-se a organizar o calendário do ano todo. Distribuiu folgas e plantões, preocupando-se em fazer justiça para que ninguém se sentisse prejudicado. Ao terminar, viu-se orgulhoso de seu feito. “Que gestor! Que capacidade! Que homem!”

Afixou o papel da distribuição impecável no mural da empresa.

Nem meia hora depois de iniciado o expediente de mais um dia, um de seus primeiros na planta que recém assumira, jovem promissor e de carreira meteórica que era, bateu à sua porta um de seus encarregados mais importantes. Com cara entre preocupado e inquieto, ele foi direto ao ponto.

— Doutor, tem um problema aqui.

O encarregado entregou ao patrão o papel da distribuição de plantões.

— E qual o problema? — arguiu o jovem, seguro da perfeição de sua programação.

— É que aqui tá escrito que eu vou trabalhar no São João.

A primeira resposta do sudestino invasor externou sua indignação.

— E daí?

— E daí que eu vim aqui avisar ao senhor que eu não venho trabalhar, não.

— Como é? Mas isso é um absurdo. E São João nem é feriado, qual o problema?



O clima azedou. Sem se dar conta do absurdo que dissera, o jovem não viu o encarregado perder a cabeça, mas endurecer sua posição.

— Doutor, eu não vim aqui negociar. Eu vim aqui informar. No São João, eu não venho trabalhar. Aliás, nem eu, nem minha equipe.

— Você vai me desculpar, mas esse tipo de postura eu não posso aceitar. Vou ter que tomar providências sérias!

— O senhor faça o que quiser. Já falei o que eu tinha pra falar. Com licença.

O encarregado deu as costas ao perplexo gestor, agora destituído de toda sua estima, jogado ao chão e espezinhado pelo desconhecimento da realidade em que estava. Quando o efeito do susto sumira, deu-se conta de que há mais distância entre Nordeste e Sudeste do que supunha. Que nem sua figura impositiva e amedrontadora era capaz de modificar o que foi talhado em gerações e em esforço coletivo. Que moleque era ele, afinal, para questionar a validade da importância do São João no Nordeste? Carreira meteórica? Pfff... A síndrome do impostor batia forte. A segurança, sua característica maior, foi substituída por reflexão.

O encarregado não foi demitido, assim como ninguém de sua equipe. O jovem permaneceu por lá mais alguns anos, continuando sua trajetória profissional de absoluto sucesso.

Mais importante: nos dias 23 e 24 de junho daquele ano a planta da unidade que recém-assumira com o desafio de aumentar a sua produtividade, não abriu.

Foto: Marcos Guerreiro



21

PREGAÇÃO DE
SÃO JOÃO



Zé Mário não aguentava ver sua Aracaju invadida por festas importadas da Bahia. Tradicionalista conservador, bicho retado que só a gota, cabra macho, sim senhor, para ele sé existe uma festa que se preze por aquelas bandas: o **São João**.

Todo ano era a mesma rotina. Virava o ano e tocava o Zé a reciclar seus cartazes, panfletos, camisetas, faixas, letreiros, gritos de guerra. A sala do pequeno apartamento que morava com sua esposa, Nelita, ficava sem espaço para andar por causa do aficionado que ele era.

Ela já há alguns anos desistira de lutar contra. No começo, ia junto para a linha de frente batalhar nas trincheiras. Com o tempo, percebeu quão inócuo tudo parecia ser. Passou a sugerir que ele largasse mão de besteiragem, depois com mais veemência, e na teimosia do marido, desistiu foi ela de mudar a cabeça do homem.

Eram quase duas semanas de resmungos e planos infalíveis para, desta vez, destruir o Pré-Caju de vez!

— Esse ano eles se veem comigo! Me aguardem!

Um dia antes da festa, amontoava tudo o que fabricara na antiga Belina e montava acampamento na entrada. Nelita já conhecia o enredo: durante 4 dias, o marido sumiria, talvez até pegasse um ou dois dias de cadeia, ia voltar rouco de tanto gritar, dedos ensanguentados das farpas, corpo maltratado pelas surras que invariavelmente levava.



Pobre Nelita.

Foram anos de preparação do plano diabólico e maquiavélico de Zé Mário. Plano que exige disciplina, insistência e uma paciência danada.

Quando ainda jovem no interior, Zé Mário foi para a capital ficar na casa de um tio para passar um réveillon. Sim, o São João era a principal festa da cidade, como há de ser em toda cidade do interior nordestino. Ficou por mais tempo, ganhou ingresso pro Pré-Caju e ficou é doido com a coisa. Ele bebeu, dançou, beijou, meteu, dormiu na sarjeta, brigou, correu. Viveu.

Sabe como é, quem nunca comeu melado, quando come se lambuza.

Dali a mais um tempo conheceu Nelita, que não era muito chegada a Carnaval, e dele queria até uma certa distância. Moça pura do interior. E Zé Mário ali se raciocinando todo para decifrar, por conta do amor por Nelita já nele alojado, como é que faria para aproveitar o que podia naqueles 3 dias e manter sua paixão.

Você há de admirar Zé Mário e sua perseverança.

Foram quase 10 anos até que a mulher finalmente desse de ombros e já nem se preocupasse mais com o tempo fora nem com a preparação. Primeiro, seria preciso envolvê-la. Depois, exagerar para que ela perdesse a vontade. Depois, quando o recorrente fosse certeza de que tudo sairia como antes, roteiro que ela já conheceria, então, para que ela se avexar?, se entregaria ao seu melado sem culpa e sem preocupação.

Ao chegar na entrada do Pré-Caju, armava seu mundaréu, porque álibi demais nunca é pouco, e de posse de seus ingressos, ele bebia, dançava, beijava, metia, dormia na sarjeta, brigava, corria. Vivia.

Me paga um café?

APOIA.se

Eis que, ele remoendo-se em preocupação deitado na cama, Nelita pergunta:

- Quê que é, homem? Essa cara de desenxabido?
- Tô achando é pouco.
- O quê, criatura?
- Pré-Caju. Quer saber? Vou é acabar com **Salvador!**

Num pulo já foi para a sala, a arrumar seus preparativos.

- Eles que me aguardem! Duas semanas, viu?

Pobre Zé Mário.

Nem sabia do plano maligno de Nelita para se livrar de seu marido e subir as ladeiras em Olinda, onde o frevo invadiria cada pedaço de sua alma.

Você há de admirar Nelita e sua perseverança ainda maior.

- Duas semanas, é? Arre.

Falou ela, dando de ombros, mas sorrindo por garantir o investir na passagem rumo a Pernambuco.

E nessa de um achar que era mais esperto que o outro, seguiam cada qual a seu destino no Carnaval, para se entregarem à esbórnia e à libido, numa eficaz artimanha para manterem a sanidade e o casamento, porque sempre que voltavam, abundavam beijinhos carinhosos e juras de amor eterno.



Foto:
Marcos
Guerreiro

25

CONTANDO
7 ANOS DE
UM VIVIDO

Foto: Marcos Guerreiro

As aventuras de menino na capital seguiam as comuns de tantos outros. Escola em meio período, jogar bola em outro e arrumar o que fazer nos intervalos. Mas sempre tinha. TV, música, desenho na parede, subir naquele armário ali que parece inalcançável mas eu quero provar que consigo, lição de casa, os berros e sons de quem passa na rua a compartilhar a vida com quem tenha ouvidos, a ida à padaria no fim da tarde para abastecer de pão e café o lanche que estaria pronto dali a pouco.

No auge dos meus 7 anos naqueles anos 80 que nasciam querendo romper com a estética da década anterior, a vida tinha um ritmo peculiar. 40 anos depois, não fosse o mesmo nome da cidade e algumas construções que perduram no horizonte, estaríamos em outro mundo, com outra gente.

Desde que nasci, a rotina do meio do ano era quase a mesma. Painho e Mainha arrumariam tudo para uma viagem que romperia 700 quilômetros sertão adentro, navegando a oeste ao encontro da casa de meus Voinhos, que intercalavam a participação ano a ano para não dar briga na família, embora morassem rigorosamente lado a lado, dividindo muro e, a contragosto, os filhos que se enamoraram e foram ter na cidade grande a labuta por uma vida melhor.

Não posso dizer, portanto, que aos meus 7 anos foi a primeira vez que vi o São João. Nascido e criado na cidade grande e de pais sertanejos migrados atrás de vencer, o sangue do sertão corre nas veias.

Mas de nada vale, hoje vejo, ser de lá e não praticar. Origem é também questão de prática.

Reabro, em ritual tradicional apenas a mim mesmo, a velha caixa de recordações, escondida num canto do armário. Ao abri-la, logo saltou uma foto. Painho e Mainha e eu sentado no capô da antiga Brasília creme. No verso, a data: 22 de junho de 1980. Precisamente 40 anos atrás.

E como se a imagem despertasse memórias adormecidas, descaí-me ao chão, hipnotizado, entrando num mundo de sentidos extrapolados, descrevendo ao meu modo o trajeto daquela data de quatro décadas atrás.



Mainha soprou sua voz gentil no meu ouvido. Com seu cheiro inconfundível de rosas, acarinhava-me para pôr-me desperto antes do sol sair.

— Bom dia.... Acorda, preguiça. É hora de viajar. Vamos?

Apontou-me a roupa já separada para a longa viagem que nos esperava, indicando pressa para que eu lavasse o rosto e escovasse os dentes. O café estava servido.

Senti o gelado do piso frio nos meus pés descalços, da torneira, da água que escorria e que me acordou em definitivo ao bater em meu rosto. Olhei-me no espelho e vi a excitação do que viria. Um ano inteiro esperando.

Na cozinha esfumada pelo vapor do bule e forte cheiro de café, Painho lia o jornal. O tilintar de talheres e bater de armários anunciava que a vida era também desperta, como se a receber com propriedade o sol que ainda não chegara.

Devorei o ovo mexido com suco de laranja e logo os comandos de seguir viagem preencheram o ambiente.

— Pegou as malas?

— Tudo no carro.

Na porta da rua, o sol apresentava seu primeiro raio de sol.

— A foto!

— Deixa que eu bato, Lena.

Prestativa, Dona Lita, a vizinha, se ofereceu para registrar o momento para a eternidade. Meu pai me carregou para cima do capô da velha Brasília e num clique—xis!—, a história era feita.

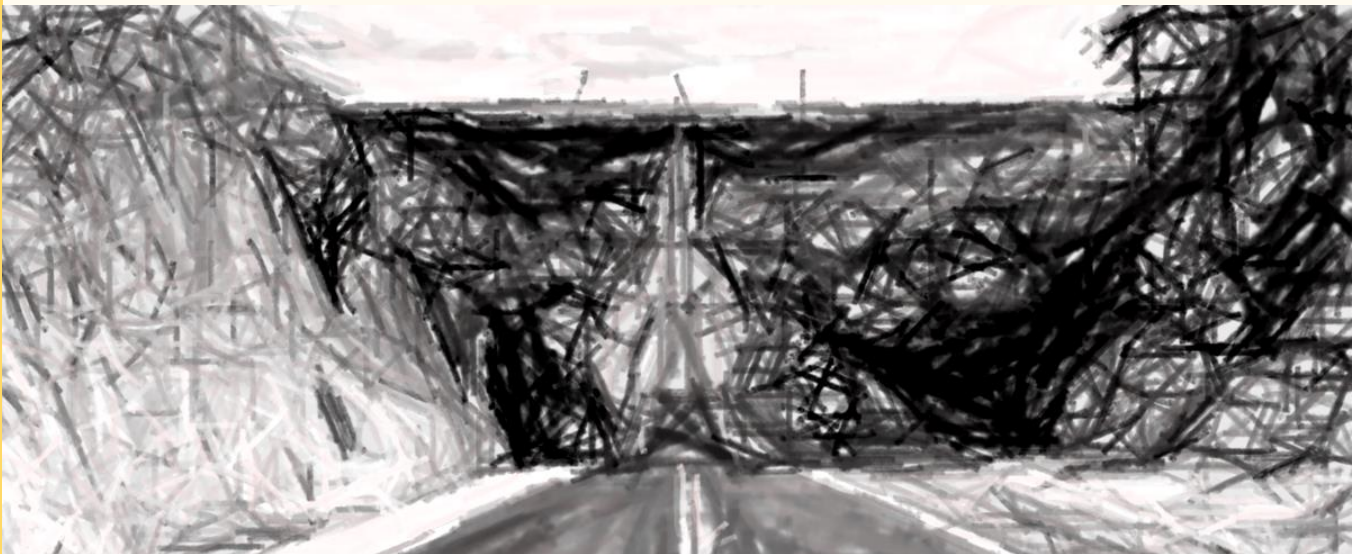


Em pouco tempo, a estrada era nossa. Mais um tanto, era só nossa. Do banco de trás, com o vinil que revestia o assento dando sinais de desgaste, eu sacolejava no balé dos buracos da via.

Percebia a distância pelo barulho do rádio. Se no começo era música, logo virava chuvisco, para dali virar silêncio, que se mantinha intacto até Painho perguntar da parada para ir ao banheiro.

Tínhamos um ritual. Os mesmos dois postos, mais ou menos nos mesmos intervalos, tripartindo a viagem. Sequência que não se alterava, apesar do cheiro forte e imundo dos banheiros, compensados por um sanduíche de presunto e queijo com suco de laranja, tradicional para todos.

Da janela, eu observava que o tempo passava de acordo com a mudança da paisagem. Os prédios de concreto viravam extenso verde, que logo se convertia em plano seco.



Nas perto de doze horas de deslocamento, pouca palavra era trocada, como se estivéssemos guardando tudo para logo mais. Vez ou outra eu, apesar de saber a resposta, perguntava:

- Falta muito?
- Tem que ter paciência, filho.

Eu inventava jogos. De contar bichos. De dar nome aos cachorros. De construir histórias de seres viajantes que se teletransportavam, fugindo da dureza que era seguir da capital ao sertão. Tentava dormir, mas o ziguezague me escorregava de lado a outro.

E depois de muito esperar, via, enfim, a entrada da cidade, como tantas outras irmãs quase gêmeas.

- Chegamos!

O carro sacudia como liquidificador nas ruas de paralelepípedo até avistarmos a casinha onde meus avôs já nos esperavam na porta. Parece que adivinhavam, mas a verdade, descobri anos depois, é que passavam o dia sentados na calçada, e os anos de experiência apontavam saber com exatidão a hora que a Brasília creme invadiria, trepidante, a cidade.

Na puxada do freio-de-mão e subida do banco da frente, saltava para o mundo do interior indo direto para os braços de minha avó. Em seu vestido de chita estampado, ela me recebia com sorrisos e beijos e afagos.

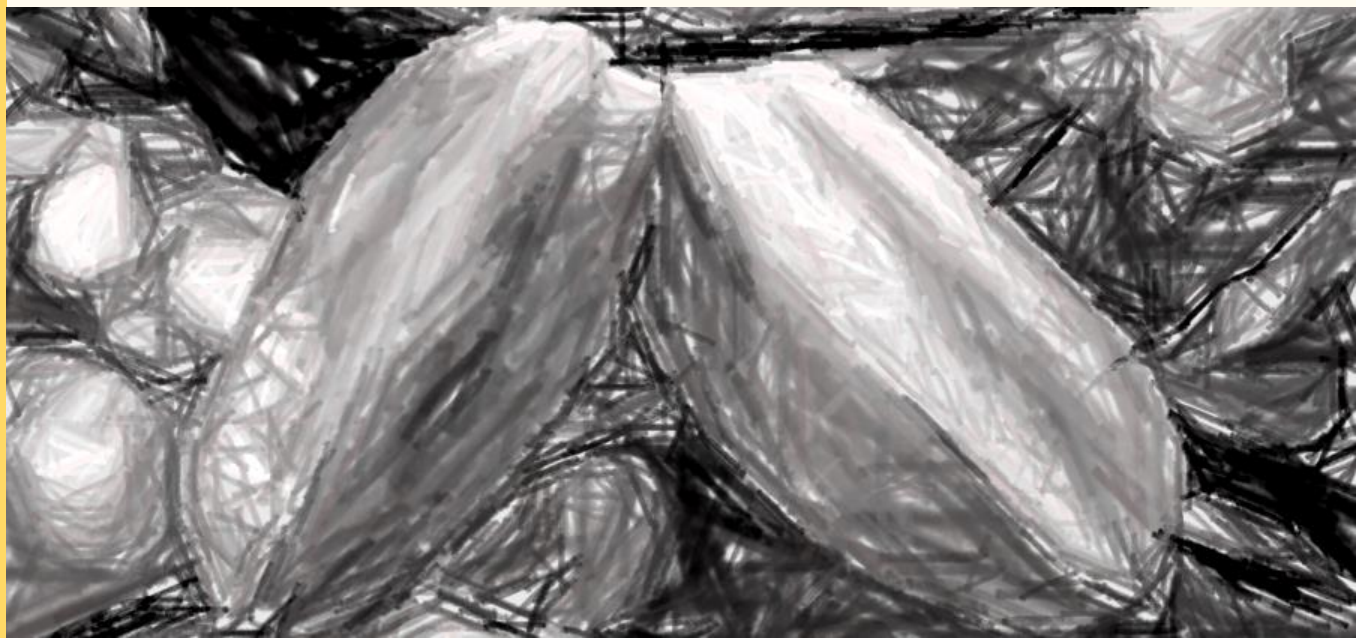
– A bênça, Voinha.
– Deus te abençoe, meu filho.

Voinho já era mais bruto. De pele rissacada e rosto carrancudo, demonstrava afeito ao seu jeito. Seus dedos grossos da vida ganha na roça mais machucavam que carinhavam.

– A bênça, Voinho.
– Deus te abençoe.

Enquanto os cumprimentos seguiam, eu me acelerava para dentro da casa buscando meu quarto onde Voinha sempre deixava um presentinho. Debaixo do travesseiro sobre o colchão fino e lençol que pinicava, escondia-se uma bem embrulhada cocada branca, que sorvi feliz.

Na cozinha, o mesmo barulho da manhã, com tilintar e bater de armários, bule fumegante, o dia se despedia e deixava em seu lugar o frio molhado da noite do sertão. As palmas ao portão gerava um vai-e-vem de rostos conhecidos e novos, sempre com alegrias estampadas de bom-te-ver. Pra quem chegasse, café sempre novo. Para mim, batava mergulhar na doçura das carambolas que Voinha sabia separar as azedas para não travar, Estava, pois, em casa.

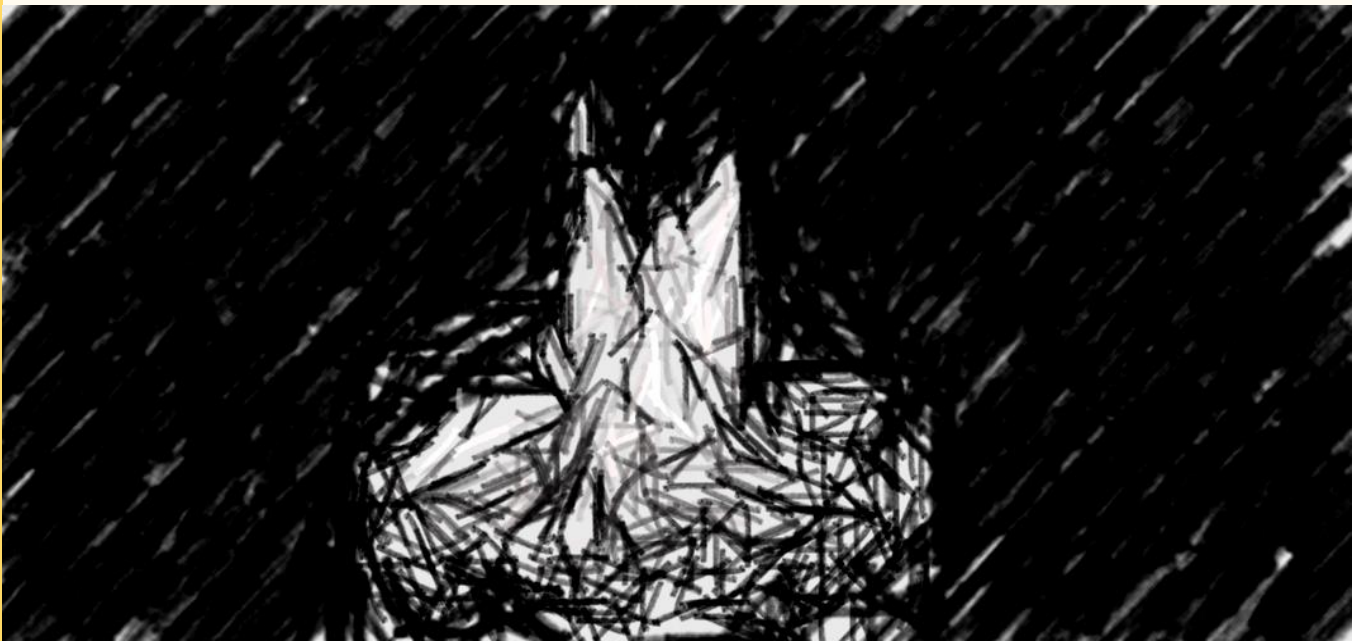


Depois de banho a conta gotas, em que a água escaldante brigava contra o frio em briga que vitimava apenas inocentes, no caso eu, fui ter com a gente do lado de fora. Arrastei cadeira da varanda para a calçada, onde muitos se encontravam a ver a vida passar no pé da grande fogueira acesa no meio da rua. Conforme a noite avançava, mais próximo a gente chegava.

Voinho veio por trás e externou amor ao seu jeito. Deixou escorrer pelo meu peito até a barriga, um grande saco de amendoim cozido.

A cada casca, a busca da perfeição da abertura que contornasse o fio reto dividindo em bandas iguais, para ter dentro os gomos perfeitos, sem escape nem amassado. Vez ou outra, surpreendia-me com o vão onde deveria haver um gomo de amendoim. Como pode ter desaparecido? Um enigma da natureza, decerto.

E os cachorros deitavam aos nossos pés, preguiçosos atrás de calor, e o papo que não envolvia menino seguia, eu envolvido com meus amendoins, e da vida não se havia de querer mais nada.



Despertei por conta na manhã do 23. Os pássaros cantavam lá fora o dia recém-nascido. Dentro, a gente na cozinha repetia o rito de conversa folgada, tilintares, batidas e arrastares, fumaça de café fresco, ovos, frutas, queijos. Voinha e Mainha debatiam com detalhes os preparativos do banquete de mais tarde, enquanto Voinho observava sem muita atenção e Painho se intrometia para ser rechaçado imediatamente pelas mulheres.

– Posso ir brincar lá fora?

Perguntava eu, para ouvir sins com atenções e tome-cuidados. No aberto do mundo externo, tudo era uma aventura e era bom demais.

O correr desengonçado sobre os paralelepípedos sem desequilibrar. A mangueira exibia verdinha-quase-amarela na ponta do galho. Tocava eu pra trepar no tronco, raspando com o corpo a pele dura da madeira, quase tão áspera quanto as mãos de Voinho.

Do alto, a ferinas bocadas na fruta ainda verde, recebia os convites de baixo:

– Quer jogar?

Menino mostrava a bola e o jogo estava pra começar. Desci eu como pude o desterro improvisado de campinho era o tapete verde da glória.

E eu corria, pulava, comia, suava, brincava, chutava, sorria, ganhava, perdia, vivia.

Tudo era possível naquele pedaço de terra.



O banho vinha mais cedo, ao berro de Mainha no meio da rua. De pronto, calça e camisa novas para a festa de logo, seguia à cozinha onde a lida não cessava. Voinha me cedia uma colher-de-pau, “não pare de mexer nessa panela aqui” e a orquestra continuava.

E a sinfonia se seguia. O bater de louças e portas de armários. Interjeições de alegria, “ó!” a cada prato que deu certo. “Cuidado que tá quente!”, “Coloca o bolo nesse prato aqui.”, “Alguém viu a forma furada?”

As panelas pufavam, Voinha comandava a lida com firmeza, “vamos que daqui a pouco o cortejo chega!”

— Nada de meter a mão, menino. Tô te vendo. — Voinho, de sentinela, avisava. O cheiro era inebriante.

Quando cansavam da minha pouca habilidade de ajudante, perto do fim da tarde, Voinha sacava do bolso do avental um pacote de traque de massa. Era a senha para rumar porta afora. Em volta da fogueira ressuscitada, com os amigos de temporada eu fazia uma guerra de traque, traque daqui, traque de lá.

Ao longe, bem ao longe, a procissão se achegava. Ia aumentando o volume a expectativa. A cada passo, o trio mais nítido, sanfona-zabumba-triângulo, as vozes em coro. Corri pra dentro para avistar a mais farte e bela mesa que qualquer São João jamais produziria. Bolos de todos os tipos, licores vários, milho como se quisesse, amendoim em fartura, baião de 2 pra quem pulasse a janta, queijos cortados. A fome apertava, o cancionero não chegava, mulheres orgulhosas do dever cumprido, Painho perdido sem utilidade, Voinho vigiando pra ninguém se atrever a iniciar os trabalho e os segundos eram uma eternidade.



Assim caminhava o cortejo, com parada para reabastecimento de comida e, principalmente, de bebida, em residência de porta aberta, convite explícito ao prazer.

Por fim, teve o cortejo à nossa porta. Voinho de pé à frente esperava, como de costume. Cantavam alegres, dezenas de pessoas. O sanfoneiro, depois de melodia dançante, deu o prefixo.

- Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!
- Para sempre seja Deus Louvado!
- Tem licor?
- Tá me estranhando, cabra.

E Voinho, num raro arroubo de afeto, abraçou o sanfoneiro em boas-vindas.

- Se aproxegue. A casa é sua.
- Então dá licença.

Com a permissão de Voinho, a gente entrou e se esbaldou. Usando da aprovação geral, libertei-me das amarras do ainda-não e me entreguei às delícias dos quitutes juninos. E em meio aos esbarrões e afagos na minha cabeça, se ouvia “delícia.”, “tem mais desse bolo?”, “ô coisa boa!” Vez em quando, um mais exaltado vibrava:

- Viva São João!
- Viva!



Satisfeito, o sanfoneiro tomou a palavra.

- Dona da casa tem preferência?
- Eu?
- Mais quem?
- Então toca “Piriri”. – Voinha riu envergonhada.

E a sanfona começou feliz:

“Pra dançar quadrilha no sertão é mais melhor
sanfoneiro e violeiro tomam conta do forró
não precisa orquestra pra animar a festa
no fungado da sanfona vai-se até o nascer do sol
Piriri, piriri, piriri, toca o fole na palhoça
Piriri, piriri, piriri, como é bom São João na roça”

E se despediram em festa, tomando às ruas.

– Viva São João!

Não demorou para que minha bateria arriasse e caísse de sono no sofá velho da sala. Painho me carregou no colo até a cama de colchão, que fazia sentir estrado marcado nas costas. Amanhã era outro dia.



Mainha soprou sua voz gentil no meu ouvido. Com seu cheiro inconfundível de rosas, acarinhava-me para pôr-me desperto antes do sol sair.

— Bom dia.... Acorda, preguiça. É hora de viajar. Vamos?

Apontou-me a roupa já separada para a longa viagem que nos esperava, sem indicar pressa para que eu lavasse o rosto e escovasse os dentes. O café estava servido.

Senti o gelado do piso frio nos meus pés descalços, da torneira, da água que escorria e que me acordou em definitivo ao bater em meu rosto. Olhei-me no espelho e vi a tristeza da despedida. Um ano inteiro a esperar.

Na cozinha esfumaçada pelo vapor do bule, forte cheiro de café. O tilintar de talheres e bater de armários anunciava que a vida era também desperta, como se a receber com propriedade o sol que ainda não chegara.

Demorei a demorar o ovo mexido com suco de laranja, como se a alargar a estada por meu querer. Logo os comandos de seguir viagem preencheram o ambiente.

— Pegou as malas?

— Tudo no carro.

Na porta da rua, o sol apresentava seu primeiro raio de sol.

— A foto!

— Deixa que eu bato, Lena.

Prestativo, o vizinho se ofereceu para registrar o momento para a eternidade. Nos alinhamos todos. Meu pai me carregou para cima do capô da velha Brasília e num clique—xis!—, a história era feita.



36



AMENDOIM!

MILHO!

Em plena véspera de São João, fole fungando fegoso, mas lá estavam os dois briguentos, discutindo em argumentos impositivos, cheios de razão e de certeza:

- Amendoim!
- Milho!

Aproximei-me curioso para entender o porquê da quizumba.

– Você acredita que esse sacrista está dizendo que o ingrediente mais importante do São João é o amendoim?

– Vêi, quem compete com amendoim cozido? Senhor seu ninguém.

– Ah, é? Canjica. Mugunzá. Assado. Cozido. Pamonha. E mais sei lá o quê.

– Aonde! Oxe, licor de milho, quem já ouviu falar? Já de amendoim, é abrir a garrafa e acabar num segundo.

– E alguém na vida já fez bolo de amendoim? Aqui na mesa, por exemplo, só vejo bolo de fubá.

Interferi.

– Rapaz, que zoada é essa? Vamos resolver esse impasse aqui? Faz o seguinte: vocês me convencem de qual é o mais importante e o que eu escolher, é a verdade. Que tal?

Ambos, talhados na certeza inabalável de seus conceitos, concordaram instantaneamente. Assentei algumas premissas.

– Mas pra isso vou precisar ampliar o espectro. Assim, considerar mais variáveis, entendeu?

– Pode colocar o que for. No fim vai dar Amendoim, certeza.

– Milho!

– Amendoim!

A disputa prometia.



Sentei-me à mesa. Pratos à disposição, muitos copos. Arrumei um caderno para guardar notas de cada etapa e verificação empírica. Comecei com meu processo de embasamento e justiça.

– Me passe um pedaço de milho cozido!

O defensor do milho se apressou em me servir. Mas o que já era bom poderia ficar ainda melhor.

– Não esquece de colocar uma manteiga e um pouquinho de sal.

Fui prontamente atendido.

– Hmm... É preciso saber o que vai bem com o milho cozido, pra entender a adaptabilidade do milho às várias bebidas, saca? Aqui tem vários copos. Quero um licor de cada. E assim os dois duelistas fizeram. Jabuticaba, chocolate, maracujá, tamarindo, cajá, café. Era um gole e uma mordida e uma anotação, sempre respeitando a seriedade que o momento exigia.

– Agora, aos cozidos: milho e amendoim, por favor. Ah! E um pedaço de cada bolo também.

Prontamente correram para arrumar tudo e facilitar a análise. Intercalei, então, numa lógica irrefutável, combinações várias. Cozido, um toco de bolo, licor pra acompanhar. Vez ou outra, na inadequação do combo, franzia a testa em desaprovação, o que apenas aumentava a expectativa.

Boa meia hora se passou neste entendimento. Anunciei que o fim estava próximo.

– Pronto! Imagino que estou pronto e em breve poderei dar a minha resposta final. Para isso, eu... AH, NÃO! —exclamei— Como pude deixar passar a tábua de frios e o baião de dois? Pratos novos, rápido!

E na providência, dei a largada para a fase 2 do experimento.



Mais bolos, mais licores, mais combinações e sensações. O queijo cuia misturado com uma geleia aqui, licor de fruta. Garfada de baião de 2, um naco de milho, licor de café. Bolo de carimã com qualquer coisa.

Como era de se imaginar, logo atingi o limite físico do estudo. Estava, pois empanturrado, sentado meio de lado na cadeira, porque a retidão da postura aumentava a pressão no estômago.

– Está na hora!

Os competidores se aproximaram com atenção.

– E o que vai ser?

– Amendoim, claro!

– Milho!

– Calma, calma. Antes de apresentar meu relatório final, é preciso deliberar.

Pedi licença e fui ao quarto privado exercer a deliberação com a devida tranquilidade. E confesso que deliberei. Deliberei com afinco, com precisão, com presteza. Deliberei em audição e olfato, evitando ao máximo a visão, porque tudo tem um limite. E depois de tão profunda deliberação, aliviado, feliz com o desdobramento singelo de um São João que prometia ser apenas mais um, retornei, triunfal, à sala onde os dois tais aguardavam ansiosamente.

– Minha decisão está tomada.



- Quero ver você pagar a aposta, sacana.
- É milho, certeza!
- Qual o quê! Se não for amendoim, tá errado.

Limpei a garganta pedindo silêncio.

– Depois de muito deliberar —e que deliberada, acho bom até avisar aos outros para evitar ir ali atrás agora, porque tem uma nuvem de deliberação ainda presente— cheguei à conclusão definitiva.

– E qual é? — Eles se remexiam empolgados, ansiosos.

– Depois de tanto tempo entendendo as mais diversas combinações, pratos, bolos, licores, que você, aliás, serviram com ardor e zelo, cheguei ao ponto que, estou certo, ambos concordarão em dizer que é irrefutável.

Sentia-se a tensão no ar. O peso da vontade. A densidade da expectativa.

– Fala de uma vez, homem!

– Pois eis a verdade: a minha conclusão irrevogável, baseada em tudo que vivi e experimentei essa noite, é a de que —pausa dramática— vocês são dois completos idiotas.

Você pode até achar que é exagero, mas juro que no instante começou a tocar “Lorota Boa” de Luiz Gonzaga.

Passados os xingamentos, recebidos às gargalhadas, ao fundo, ouvi o falatório, agora quase sussurro envergonhado, dos insatisfeitos competidores de rostos franzidos e braços cruzados:

- Amendoim!
- Milho!

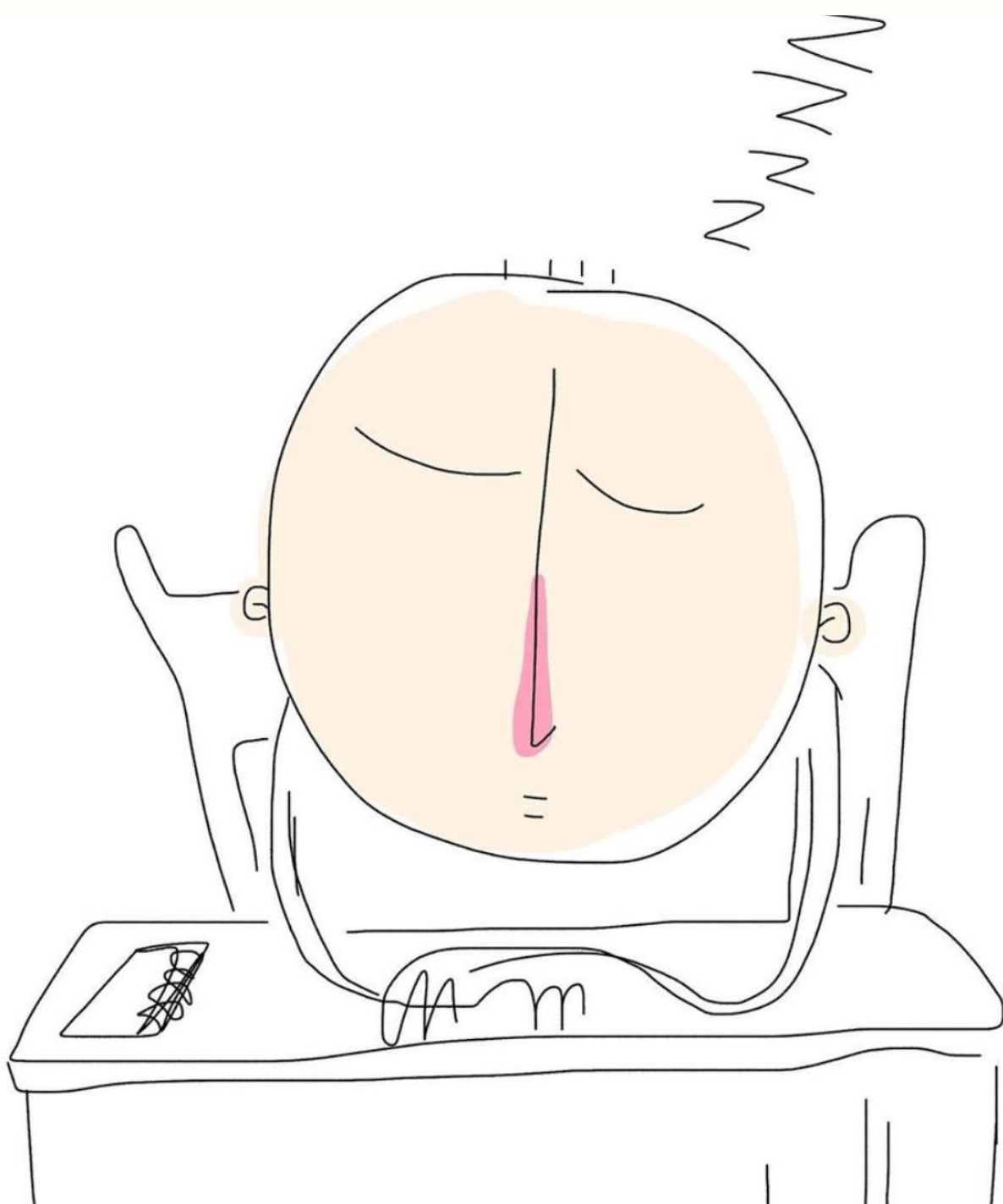


APOIA.se



catarse

**EU, ESPERANDO
SEU APOIO.
PÔ, NEM 5 REÁU?**



MATA-MATA

PRATOS JUNINOS



43

O BOI
JUNINO

Arte: Aldemir Martins



Pois se ajunte, minha gente
Que uma história vô contá
Do dia em que o boi junino
Apareceu no arraiá
Com ciúme e amor doído
Buscando a amada levar

Dessas terra é dono todo
Seu Laudino, o Coronel
Braço forte tão temido
Ir contra ele ninguém quer
Planta milho e mandioca
E mais o que a terra der

Casa grande da fazenda
Tem preciosidade bela
A menina Idalina
Flor da idade, `inda donzela
Preparada com cuidado
Capataz de sentinela

Na fazenda tem uma horta
O mais verde dos roçado
Terra boa tudo cresce
Vigoroso e saborado
Zé das Couves é da lida
Faz do chão o seu cuidado

Durante a lida do almoço
De cardápio bem pimpão
Idalina precisava
De uns verde bonitão
Zé das Couves socorreu
`face, rú'la e agrião

De tanto contar da roça
Zé das Couves se engraçou
Idalina respondia
A cada toque sedutor
Paixão se formou proibida
`té que um beijo ele roubou

Não contava Zé das Couves
Com os olhos do capataz
Que vigilante fitava
Idalina, tão sagaz
Captou o beijo escondido
Coronel caiu pra trás

Foi correndo o mandatário
De espingarda e espumando
Vá-s'imbora, Zé das Couves
Carregando só seus pano
Calçando couro trançado
Não apareça por cem anos

Mas paixão não se contenta
Com desmandos de querela
Zé das Couves e Idalina
Se encontravam a luz de vela
No meio da noite alta
Se amando c'as estrela

Capataz era sabido
Num piscar desconfiou
Da trama de fugidia
Coronel desembuchou
Atirando para o alto
Zé das Couves ameaçou

Destratando da promessa
Seu Laudino quis mandar
Arrumou mala e morada
Pr'Idalina ir ficar
Informou família, tome
Passagem pra capital

Quando à noite na janela
Idalina então chorava
Zé das Couves d'outro lado
Nas estrela desmanchava
De saudade tão doída
Lamento compartilhava

**Chegou junho, mês de festa
Tempo de arrumar a cidade
Bandeirolas penduradas
Milho verde de verdade
Noite fria agasalhada
Na fogueira irmandade**

**Seu Laudino não perdia
Um festejo portentoso
Fez questão de ver a filha
Ao seu lado, orgulhoso
Mandou buscar Idalina
Que aceitou, maravilhoso**

**Na chegada o automóvel
Cruzou a rua principal
Zé das Couves construindo
Idalina natural
Pois se viram na distância
Coração bateu brutal**

**Mas se ver não tinha jeito
O aparato era moderno
Capataz montando guarda
Bisbilhotando de perto
Seu Laudino preocupava
Vestido em mais lindo terno**

**De manhã, na caminhada
Idalina tinha curso
Cortava por dentro os beco
Capataz ficava mudo
Por entre os galhos da mata
Se viam por um segundo**

**Zé das Couves não deu conta
Num aguentou tanta desdita
Um segundo não bastava
Via Idalina aflita
Pensou formular um plano
Pra encerrar sina maldita**

**Vinte e três de junho tinha
Cortejo varrendo as rua
Sanfona tocando xote
Zabumba batendo crua
Triângulo tilintando
E o povo cantando as suas**

**De repente lá vem ele
Que era aquilo, era bonito
Dançando todo enfeitando
Tinha ginga, muito estilo
Apesar de não ser tempo
Abraçaram o boi junino**

**Um balé descoordenado
Era o que o boi exibia
Chifrando de lado a lado
E voltava, então seguia
Brincando com o povo todo
E a molecada se ria**

**Na toada de vaqueiro
Chegô em frente ao Coronel
Com a família na calçada
Sorrindo pro carretel
E parou num instante o boi
Coronel tirou o chapéu**

**Bateu chifre foi três vezes
Como se ameaçando
Bufando de raiva o touro
De pata de trás ciscando
Arregalou-se o Coronel
Percata couro trançando**

**Não deu tempo de dar grita
Nem capataz meter a mão
Chifrada de boi junino
Pegou justo o coração
Tombou duro seu Laudino
Coronel se foi ao chão**

Enquanto a mulher chorava
Fugiu fugido foi o touro
Capataz se esgoelava
Peguem ele! Ranquem o couro!
Mas o plano arquitetava
Guarda a roupa sem sufoco

No beco dos encontro `tava
De montada o seu jumento
Zé das Couves se aprumava
Arrumando os pensamento
Se seu plano não falhava
Tinha ainda um momento

Estava em jogo a vida
Que sonhava com Idalina
Família, casa e comida
Um menino, uma menina
Coisa que se lê ni livro
Fim da vida severina

Cavalgou de volta à casa
Com Idalina se encontrou
Esticou os braço à amada
Mas ela não replicou
E ele não entendeu mais nada
Zé das Couves empacou

Vem simbora, vem comigo
Zé da Couves implorou
Seu Laudino é passado
Veja, nosso amor ganhou
Vâmo até o horizonte
Que deus-pai abençoou

Sem mover nem um cabelo
Idalina vacilante
Mexendo a cabeça ao lado
Disse não por um instante
Capataz gritando "pega!"
Picou mula o retirante

Não durou nem ano e meio
Descambou, faliu fazenda
Perderam todas as terra
Colocaram tudo à venda
Adeus, milho e mandioca
Plantação, reza e novena

A mulher de Seu Laudino
Ficou muda para sempre
Num luto inconformado
Dia-a-dia descontente
Pedia a Deus a morte
Nu´a mordida de serpente

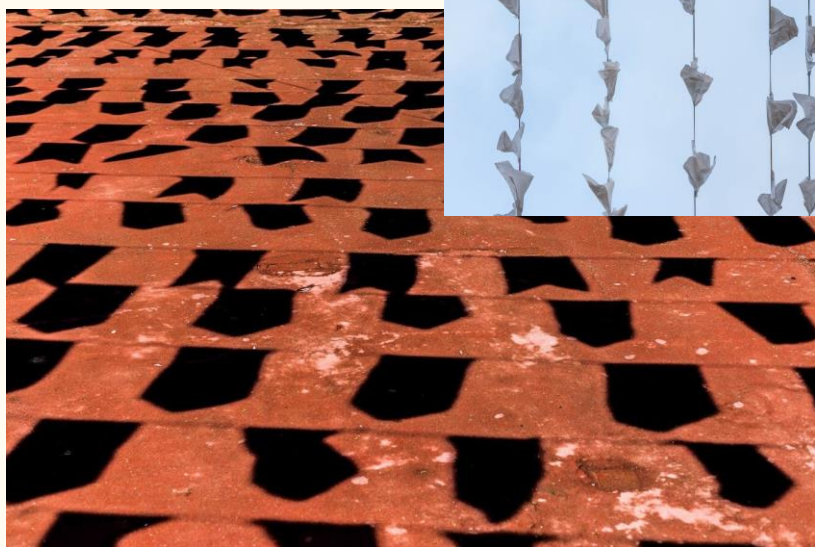
Vestida de preto toda
Guardava também seu luto
Idalina, não atinava,
Vivia a esmo sem dar fruto
Fracote, perambulava
Dependendo do matuto

Na casa que era herança
Tudo o que sobrou do pai
Não trocava nem palavra
Nem olhar, nem toque, ou mais
Carregava muita culpa
Segredo, orai e vigiai

De volta pra sua janela
Noite clara no sertão
Bela, linda, enluarada
Sonhava com o matulão
Zé das Couves como príncipe
E o jumento de alazão

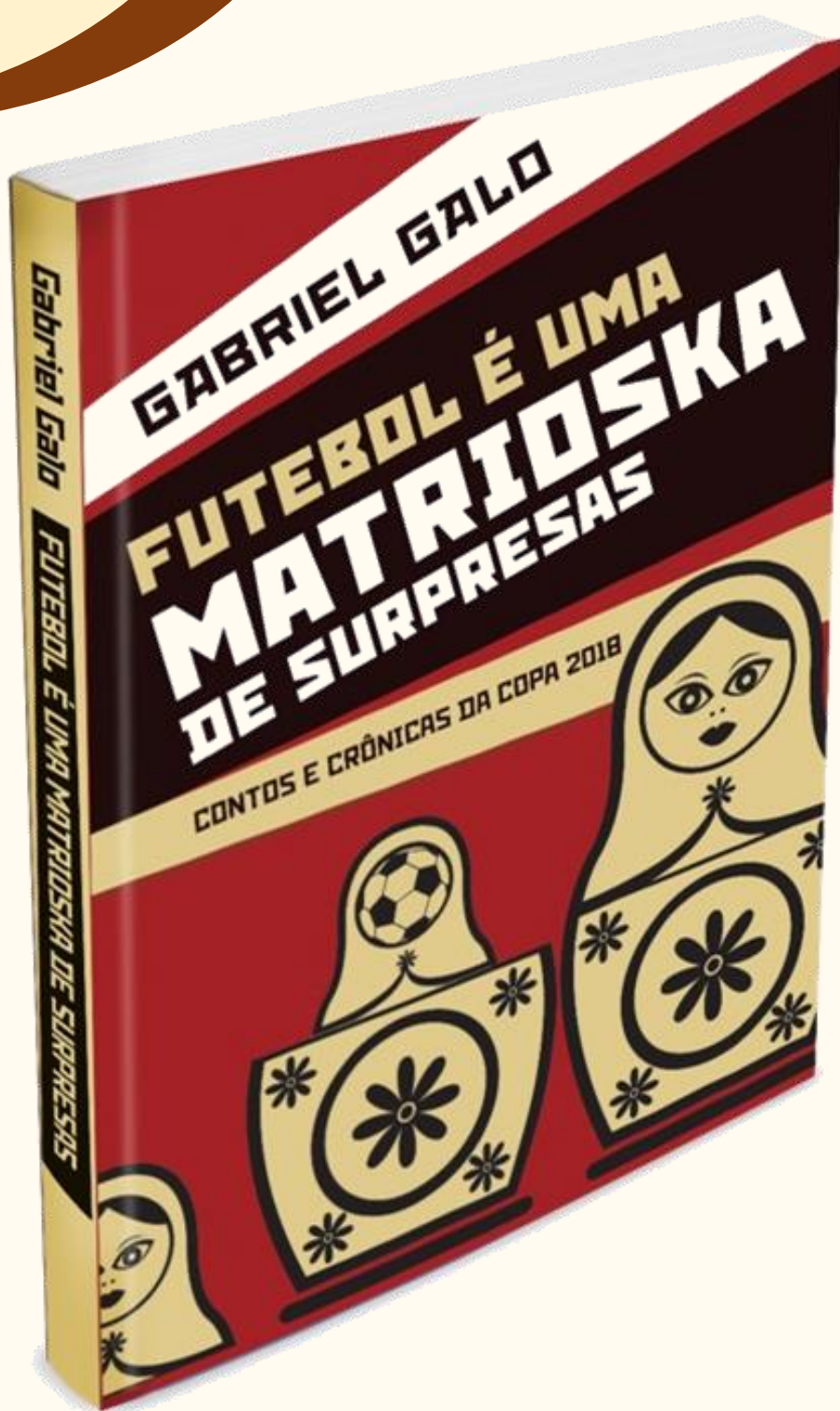
Chegou ao fim esse causo
De tragédia e sofrimento
Não tem mais o boi junino
Não se viu mais o jumento
Amor proibido não vence
Nunca vira casamento

As fotos dessa edição foram gentilmente cedidas pelo valioso amigo **Marcos Guerreiro**. Segue o cába!



@mguerreiro.foto

HORA DO
MERCHAN



DISPONÍVEL
SOMENTE NA

amazonkindle



“

O MELHOR LIVRO
SOBRE A COPA DO
MUNDO **RÚSSIA-2018**,
DENTRE AQUELES EM
PORTUGUÊS,
ESCRITOS POR UM
BAIANO E LANÇADOS
DE MANEIRA
INDEPENDENTE EM
OUTUBRO DE 2018.

APOIE

VAMOS APOIAR VOZES INDEPENDENTES?

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a NEWSLETTER. Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE e no CATARSE. Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

APOIA.se



catarse

